

Ambiente escolar e saúde mental docente: desafios e possibilidades¹

Rosane Barreto Ramos dos Santos² 

Resumo

O artigo traz um recorte da pesquisa de doutorado sobre a saúde mental dos docentes em relação ao ambiente de trabalho. Tem como objetivo identificar as demandas e os casos de adoecimento psicológico dos professores da Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec), de 2017 a 2021. Foi utilizada metodologia qualitativa com base no método da pesquisa-ação para o levantamento e na análise de conteúdo para entender os dados obtidos. Por meio do instrumento de entrevista semi-estruturada participaram 20 profissionais da educação de duas escolas. Os resultados apontam a carência de ambientes profissionais de valorização e de cuidado com a saúde mental dos docentes e a utilização de oficinas educativas como práticas de bem-estar na escola que ressignifiquem o espaço escolar.

Palavras-chave: Funções docentes; Ambiente escolar; Saúde e educação.

Abstract

School environment and teacher mental health: challenges and possibilities

The article brings an excerpt from the doctorate degree research on teachers' mental health regarding the work environment. It aims to identify the demands and cases of psychological illness of teachers at the Technical School Support Foundation - FAETEC, from 2017 to 2021. Qualitative methodology was used based on the research-action method for the survey and content analysis to understand the data obtained. Through the semi-structured interview instrument, 20 education professionals from two schools participated. The results point to the lack of professional environments that value and care for the teachers' mental health and the use of educational workshops as well-being practices at school that give a new meaning to the school space.

Keywords: Teaching functions; School environment; Health and education.

Resumen

Ambiente escolar y salud mental docente: desafíos y posibilidades

El artículo trae un extracto de la investigación doctoral sobre la salud mental de los docentes en relación con el ambiente de trabajo. Tiene como objetivo identificar las demandas y casos de enfermedad psíquica de los docentes de la Fundación de Apoyo a la Escuela Técnica - FAETEC, de 2017

¹ A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética do Instituto Oswaldo Cruz (IOC)/Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), protocolado com a identificação CAAE: 33694620.4.0000.5248 sob o número de parecer: 4.335.072. O trabalho apresenta um recorte da tese de doutorado intitulada "Saúde Mental Criativa: bem-estar psicológico docente por meio de oficinas educativas laborais".

² Fundação Oswaldo Cruz – IOC/ FIOCRUZ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

a 2021. Se utilizó metodología cualitativa basada en el método de investigación-acción para la encuesta y análisis de contenido para la comprensión de los datos obtenidos. A través del instrumento de entrevista semiestructurada, participaron 20 profesionales de la educación de dos escuelas. Los resultados apuntan a la falta de ambientes profesionales que valoren y cuiden la salud mental de los docentes y la utilización de los talleres educativos como prácticas de bienestar en la escuela que resignifiquen el espacio escolar.

Palabras clave: Funciones didácticas; Ambiente escolar; Salud y educación.

Introdução

Por chamar a nossa atenção o crescente problema do adoecimento dos profissionais da educação, nos movemos para encontrar possíveis causas e trazer soluções que tornem o espaço escolar mais acolhedor e saudável. Com base na seguinte pergunta de partida: “Como elaborar alternativas político-pedagógicas que favoreçam o bem-estar psicológico dos professores da Rede da Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec) em seus processos educacionais?” e tendo como objetivo geral construir alternativas político-pedagógicas para a promoção da saúde mental de professores da Rede Faetec por meio de oficinas educativas laborais, a investigação desdobrou-se em quatro objetivos específicos. Para fins do presente artigo, nos atemos ao primeiro objetivo específico: identificar as demandas e os casos de adoecimento psicológico dos professores da Faetec, de 2017 a 2021.

Como embasamento teórico-conceitual, a investigação se debruçou em três eixos centrais. No primeiro eixo, os conceitos de saúde e doença foram analisados, desde um olhar biomédico até sua concepção como saúde integral, de acordo com os pressupostos de Canguilhem (2005; 2009) e Almeida Filho (2011). No segundo eixo, com Dejours (1994) e Gaulejac (2007), abordamos a relação estabelecida entre o homem e o trabalho em seus processos de adoecimento e as situações de saúde e suas possíveis origens no ambiente de trabalho no que tange corpo e mente. No terceiro e último eixo, seguindo os pressupostos de Pimenta (1999), Nóvoa (2009) e Tardif (2019), contextualizamos o impacto da formação docente na saúde mental dos profissionais da educação e o ambiente de trabalho como possível causa de adoecimento docente.

Os dados foram levantados com base nas entrevistas semiestructuradas com a direção e a equipe pedagógica de duas escolas da Rede Faetec para compreender suas impressões sobre o corpo docente, sua profissão e campo de atuação. Trazendo a saúde para dialogar com a vida no espaço escolar, desbravamos um campo de atuação ainda

pouco explorado que possui inúmeras vertentes passíveis de olhares atentos com a qualidade de vida do sujeito nesse contexto e lugar de trabalho.

Contextualizando o que se concebe sobre saúde e doença, Canguilhem (2005; 2009) e Almeida Filho (2011) não as definem como antagônicas, mas justapostas, complementares e que se integram fazendo parte do movimento dinâmico de vida dos indivíduos. Assim, constituem não somente fenômenos fisiológicos como também biopsicossociais que (re)agem nos ambientes sociais.

Nesse sentido, a saúde vai ao encontro da educação em sua relação intrínseca de cuidado com o ser humano, pois, como seres biopsicossociais (Almeida Filho, 2011), o sentido do cuidado, com o que é saudável, não se limita à saúde do corpo, mas tem a ver com a mente e com as relações sociais. Nisso, constitui-se a integralidade do ser humano (Almeida Filho, 2011).

Como seres humanos cujas identidades refletem nossa individualidade, as questões de saúde e doença não se manifestam da mesma forma para todos os indivíduos. Vivemos nossas experiências saudáveis ou de adoecimento de maneiras plurais e flexíveis e que segundo Canguilhem (2005; 2009) e Almeida Filho (2011) concorrem na existência do indivíduo, (re)construindo nossas percepções sobre nós mesmos, os outros e os contextos sociais.

Compreendendo o ser humano como um ser holístico (Yus, 2002) e a escola como o contexto social no qual saúde e doença se manifestam, é importante ressaltar o papel que nossa mente desempenha nos processos de adoecimento, não somente físico, mas também psíquico e nos consequentes desdobramentos de nossas ações tanto no campo pessoal, social quanto no profissional.

A abordagem em saúde mental, tema que foi amplamente investigado ao longo da empiria, nos direciona a refletir até que ponto os convívios nos ambientes da sociedade podem corroborar para desenvolver processos saudáveis ou de adoecimento psicológico nos cotidianos. Parte-se do princípio de que a saúde mental é um estado em que a pessoa se encontra capaz de lidar com as situações do contexto social que são diversas, imprevisíveis e variam de acordo com o ambiente no qual o indivíduo se encontra. A *World Health Organization* (WHO) (2014) apresenta uma definição detalhada sobre o conceito de saúde mental:

A saúde mental é um estado de bem-estar mental que permite às pessoas lidarem com o stress da vida, realizar as suas capacidades, aprender bem e

trabalhar bem, e contribuir para a sua comunidade. É uma componente integral da saúde e do bem-estar que sustenta as nossas capacidades individuais e coletivas para tomar decisões, construir relações e moldar o mundo em que vivemos. A saúde mental é um direito humano básico. E é crucial para o desenvolvimento pessoal, comunitário e socioeconômico. A saúde mental é mais do que a ausência de transtornos mentais. Existe num continuum complexo, que é vivenciado de forma diferente de uma pessoa para outra, com vários graus de dificuldade e angústia e resultados sociais e clínicos potencialmente muito diferentes.

As relações das pessoas com os ambientes sociais ou com seus pares, influencia/interfere positiva ou negativamente na saúde ou adoecimento mental dos indivíduos podendo variar em grau e intensidade de ser humano para ser humano. Dessa forma, vale pensar a saúde mental não como uma ciência exata, mas como um fator que depende de como cada pessoa reage aos diferentes estímulos do ambiente. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2001) compõe-se, então, um cenário não de ausência de problemas, mas de capacidade de como lidar com as implicações/ complicações dos relacionamentos interpessoais/sociais a curto, médio e longo prazo. Para Almeida Filho, Coelho e Peres (1999),

[...] a saúde mental significa um *socius* saudável; ela implica emprego, satisfação no trabalho, vida cotidiana significativa, participação social, lazer, qualidade das redes sociais, equidade, enfim, qualidade de vida. Por mais que se decrete o fim das utopias e a crise dos valores, não se pode escapar: o conceito de saúde mental vincula-se a uma pauta emancipatória do sujeito, de natureza inapelavelmente política (p. 123).

No Relatório Mundial sobre Saúde Mental publicado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2022 e que se encontra no site do Ministério da Saúde (2022), um dos pontos que se discute é que tanto a saúde quanto a desordem mental não se referem exclusivamente as habilidades individuais de gerenciar suas próprias emoções, comportamentos e interações com os outros, mas também, ao social, cultural, econômico, político entre outros aspectos que se referem ao coletivo.

Para a OMS (2021), usufruir de uma boa saúde mental significa dizer que o indivíduo consegue, por meio de suas próprias habilidades, ser produtivo e capaz de ser recuperar dos estresses e contratempos do dia a dia. De acordo com a OMS (2021), devido às situações ligadas ao trabalho, pesquisas apontam que uma a cada cinco pessoas pode sofrer algum problema de saúde mental que irão reverberar no ambiente de trabalho, causando perda de produtividade entre outras questões. Dejours (1994) chama essa capacidade de produção de energia pulsional que, quando “não acha descarga no exercício do trabalho, se acumula no aparelho psíquico,

ocasionando um sentimento de desprazer e tensão” (p. 29). Poderiam ser aqui elencadas circunstâncias e ambientes que favorecem o adoecimento psicológico dos indivíduos, pois o resultado das aproximações sociais pode corroborar para práticas saudáveis, seja pela reciprocidade dos conhecimentos apresentados ou pode favorecer processos de adoecimento físico e/ ou intelectual que afetam de sobremaneira as atuações dos indivíduos em sociedade.

Nessa direção, a pesquisa investiga os ambientes laborais como locais propensos tanto ao adoecimento mental quanto as possíveis práticas em saúde, haja vista o trabalho se configurar como necessidade compulsória de sobrevivência em sociedade. O poder da renda, do salário adquirido por meio das forças de trabalho em uma sociedade capitalista, mudou a maneira como os homens se relacionam em sociedade.

Por meio da força de trabalho, o corpo se torna útil e dócil (Foucault, 2008; Dejours, 1994) e a força que ele produz dá sentido à sua função social de produção, contribuindo para a evolução da sociedade e a manutenção de seu lugar como garantia de renda e subsistência. Tempo e espaço são então controlados pelas relações de poder que se estabelecem entre quem controla e quem é controlado. O homem encontra-se adaptado e condicionado ao objetivo que torneia sua funcionalidade: a luta para o exército; a produção para a fábrica; a educação para a escola (Foucault, 2008).

O corpo serve como fio condutor por onde são canalizadas as forças de trabalho, chegando ao controle psíquico onde os convencimentos se constroem sobre as vantagens de se estar empregado, submetido a determinadas situações em que “[...] A repressão é substituída pela sedução, a imposição pela adesão, a obediência pelo reconhecimento. O trabalho é apresentado como uma experiência interessante, enriquecedora e estimulante” (Gaulejac, 2007, p. 109).

Nesse sentido, o trabalhador acaba por se sentir responsável por sua atuação no trabalho, no seu desenvolvimento de competências, habilidades e talentos, por vezes, culpabilizando-se quando imprevistos acontecem em meio a sua produção, sentindo-se improdutivo caso não corresponda às expectativas depositadas (Gaulejac, 2007). Nessa busca desenfreada por resultados produtivos no ambiente de trabalho, podemos destacar a saúde como moeda de troca, em que quem é saudável tem mais valor do que quem adoce, ou seja, fracassa.

Para Dejours (1994), esse panorama define a sobrevivência no mercado de trabalho, fazendo com que o trabalhador deixe de lado a doença, como se dela quisesse

eliminar o pensamento como uma maldição, improdutividade ou como doença contagiosa. As exigências do trabalho e a precarização da mão de obra acabam por ameaçar a vida causando sofrimento físico e mental. Portanto, é imprescindível analisar como essa dinâmica afeta a construção do eu-social e laboral e o convívio com os pares, variando o trabalho de pessoa para pessoa, configurando-se, de acordo com Dejours (1994, p. 22), como um “paradoxo psíquico do trabalho: fonte de equilíbrio para uns, é a causa de fadiga para outros”.

Dentre outras, as instituições escolares são as esferas sociais nas quais a escalada de patologias ligadas ao trabalho está cada vez mais alarmante. Carlotto (2011) e Benevides-Pereira (2010) corroboram essa afirmação quando apontam a classe docente como uma das mais adoecidas psicologicamente e é nessa direção que se insere o terceiro eixo quando abordamos o docente e sua formação.

A escola, portanto, encontra-se situada em um contexto cujos espaços representam disputas de poder (Arroyo, 2013), pois o conhecimento que ali se desenvolve, dependendo do viés estrutural que siga, pode contribuir para devolver para a sociedade meros reprodutores do *status quo*. Nesse sentido, podemos inserir a saúde nesse núcleo de preocupações? Se levarmos em consideração os pressupostos de Tardif (2019), Pimenta (1999) e Nóvoa (2009) em seu olhar pelo docente ao longo de suas obras, podemos dizer que sim.

Ao cunhar a máxima de que a “profissionalidade docente [...] não pode deixar de se construir no interior de uma personalidade do professor” (Nóvoa, 2009, p. 30), o autor explicita a relevância de considerarmos o professor em sua integridade: o subjetivo que encontra o profissional em todas as suas dimensões. Nesse sentido, para Nóvoa (2009), se torna importante que as estratégias metodológicas de ação surgissem de dentro para fora, ou seja, de acordo com as demandas internas da instituição, levando-se em consideração as realidades e necessidades de determinado espaço escolar.

Devem ser incluídos nesse processo o quão preparados os professores estão intelectual e psicologicamente para os desafios que se desdobram dentro do espaço escolar, no quanto a epistemologia aplicada na academia se distancia do território onde as ações acontecem na prática, como afirmam Tardif (2019) e Pimenta (1999), e a urgência de se aproximarem dos reais sujeitos e situações do chão da escola.

Se partirmos do pressuposto de que somos corpo físico e mental pelo qual circulam as experiências vividas positiva ou negativamente ao longo de nossa existência, podemos usufruir do pensamento de Ferguson (1992, p. 242) quando diz que “com o passar dos anos, o corpo se torna uma autobiografia ambulante, falando a amigos e estranhos sobre as pequenas e grandes tensões de nossa vida”. Sendo assim, o que os corpos dos professores da rede Faetec querem falar? O que o adoecimento psicológico dos professores tem a revelar à sociedade? Uma vez que não se refere à “[...] uma simples mudança física, mas do estado mental a chave para a saúde” (Ferguson, 1992, p. 237), devemos nos preocupar também em como identificar o tipo de transtorno psicológico que adocece os docentes.

Metodologia: caminho a ser trilhado

O caráter científico da pesquisa contou com um conjunto de procedimentos sistemáticos que auxiliaram na investigação. Optou-se por uma metodologia de pesquisa qualitativa, por acreditar, de acordo com Minayo (2014), que investigar os sujeitos dentro da proposta que se desenha não pode ser quantificado, mas precisa ser considerado o universo de relações dos sujeitos, num nível de realidade com seus múltiplos significados.

A fim de compreender os anseios e percalços dos sujeitos, procuramos responder à pergunta de partida “Como elaborar alternativas político-pedagógicas que favoreçam o bem-estar psicológico de professores da Rede Faetec em seus processos educacionais?”. Destacamos no presente artigo o primeiro objetivo específico: identificar as demandas e os casos de adoecimento psicológico dos professores da Faetec, de 2017 a 2021, que corresponde à etapa diagnóstica da empiria para compreender as causas e consequências de saúde e adoecimento psicológico dos sujeitos.

Nesse desenho metodológico, escolhemos o método de pesquisa-ação de Thiollent (2011) que, embora seja flexível no trato dos dados, não deixa de ter um ordenamento para que se entenda a relação entre o começo, o meio e o fim da pesquisa. Utilizamos como instrumento da pesquisa a entrevista semiestruturada, que ocorreu presencialmente, embora a investigação tenha acontecido durante o período pandêmico da Covid-19.

Foram entrevistados diretores e equipes pedagógicas de duas escolas com perfis diferentes no que diz respeito ao público discente e docente, denominadas

na pesquisa como escolas A e B. Enquanto na escola A, os alunos são jovens adultos, em sua maioria trabalhadores buscando aperfeiçoamento no mercado de trabalho, na escola B, a clientela era de adolescentes. Com relação aos quantitativos, a escola A possuía dois diretores, 10 profissionais na equipe pedagógica, 40 docentes e aproximadamente 480 discentes. A escola B, contava com três diretores, 18 profissionais na equipe pedagógica, 232 docentes e aproximadamente 1.500 alunos.

Participaram da entrevista, na escola A, oito profissionais: dois diretores, três supervisores e três orientadores e, na escola B, 12 profissionais: dois diretores, cinco supervisores e cinco orientadores que participaram presencialmente da pesquisa porque trabalharam em regime de escala durante a pandemia. Portanto, as entrevistas foram agendadas conforme suas escalas de trabalho. A fim de facilitar a identificação das narrativas e manter o anonimato, os profissionais foram nomeados conforme sua função na escola: Diretor – D; Supervisor Educacional – SE e Orientador Educacional – OE e numerados conforme a escola: Escola A: de 1 a 8 e Escola B: de 1 a 12.

Com base no primeiro objetivo específico, utilizamos como método para a análise de dados, a análise de conteúdos de Bardin (2011) empregando os critérios da pré-análise, com base nas regras de representatividade, exaustividade, homogeneidade e pertinência. Organizando o conteúdo com base na delimitação temática e com a utilização de eixos e categorias.

A organização dos dados levantados com base nas entrevistas seguiu a seguinte organização: 1º eixo - Saúde mental dos professores – Categoria: Situações/fatores que acarretam adoecimento psicológico do docente com os temas: Desvalorização profissional, Tempo, Cenário Social e Problemas Indisciplinados e sob a categoria: Saúde mental do entrevistado com os temas: Doenças psicológicas; doenças causadas/ agravadas pelo estresse; perda da identidade. 2º eixo – O pedagógico: os profissionais e o trabalho em equipe – Categoria: saúde mental da equipe de trabalho com os temas – síndrome de *burnout*³, cooperação e formação docente. 3º eixo – Oficinas laborais – categoria: relevância e participação sob os temas: integração e (re) conexão; sugestões.

³ A síndrome de *burnout* é uma reação ao estresse excessivo relacionada ao trabalho (Carlotto, 2011).

Colocando em prática a empiria, a Faetec foi o local escolhido para que a investigação acontecesse. A Faetec é uma fundação pública gerida pelo governo do estado do Rio de Janeiro, Brasil, que atende a última etapa de educação básica, o ensino médio, oferecendo além do currículo obrigatório, cursos profissionalizantes.

Os dados levantados e analisados nas entrevistas semiestruturadas se revelaram fontes norteadoras para a compreensão das impressões das equipes responsáveis pelo bom andamento do corpo docente frente aos processos de saúde e adoecimento de seu grupo, a fim de viabilizar a elaboração de propostas laborais e pedagógicas relevantes para (re)significar o papel do professor, convertendo o espaço escolar em acolhimento e diálogo.

Resultados e discussão

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas entre o segundo semestre de 2021 e o primeiro semestre de 2022. No total, 20 profissionais aceitaram ser entrevistados e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Na escola A, os dois diretores participaram das entrevistas; na escola B, dos três diretores, dois foram entrevistados. Em relação à equipe pedagógica, na escola A, dos dez componentes, seis colaboraram com a entrevista; na escola B, dos 18 profissionais, 10 aceitaram ser entrevistados.

Traçando um perfil da amostra, foram entrevistados sete homens e 13 mulheres; 14 com especialização e seis com mestrado; 12 com tempo de formação de mais de 15 anos e oito profissionais com mais de 15 anos de atuação profissional na Faetec. Doze consideravam sua saúde psicológica regular; seis consideravam-na ruim e, para dois entrevistados, estava boa. Já adoeceram psicologicamente por questões ligadas ao trabalho: algumas vezes: 11; sempre: cinco; raramente: quatro.

A fim de descrever os dados coletados, segue abaixo um compilado das impressões trazidas pelos sujeitos. As narrativas elencadas expressaram causas/consequências de adoecimento mental motivadas pelo ambiente de trabalho, destacando o período de 2017 a 2021, e impulsionam atitudes plurais de (re)construção de vida em sociedade, contextualizando as oficinas educativas laborais como alternativas saudáveis para esse (re)começo.

Primeiro eixo: Saúde mental dos professores

Categoria: Situações que acarretam o adoecimento psicológico dos docentes

Tema: Desvalorização profissional

Os profissionais de ambas as escolas destacaram a exaustão física e psicológica dos docentes, devido às longas jornadas de trabalho. A necessidade de lecionarem em jornadas duplas ou até mesmo triplas (manhã, tarde e noite) para compensarem os salários defasados foi observada pelos entrevistados como desfavorável ao desempenho positivo dos professores que se encontram cansados logo no início de seus turnos laborais.

Nesses deslocamentos dos professores, seja para cumprir carga horária ou para complementação de renda, acaba não sobrando tempo para planejamento e outras atribuições que também são responsabilidades do professor. Então é comum observar os professores nervosos, estressados, angustiados quando são cobrados e não têm os documentos para entregar (SE4, Escola B).

Outro elemento de adoecimento que surgiu nas falas foi o excesso de demandas burocráticas. Ambas as equipes pedagógicas das escolas A e B demonstraram grande angústia e descontentamento por “desperdiçar” tempo com documentos que consideravam desnecessários por não refletirem a realidade local. Segundo eles, o fato de os procedimentos chegarem à escola de forma verticalizada, hierarquizada sem abrir espaço para que sejam discutidas horizontalmente a realidade de cada espaço escolar, tornava a burocracia um desafio para uma aprendizagem exitosa. Segundo OE3, na escola A:

[...] às vezes você quer sentar-se [...] com a equipe e dizer “Vamos montar uma atividade? Vamos montar uma estrutura? E você não consegue, às vezes, nem se sentar com a sua equipe para atender a demanda daquele grupo x. Porque é tanta burocracia, é tanto papel, é tanta coisa que o que mais importa, é o que menos você consegue atender.

Esse excesso de burocratização pode fazer com que, pela falta de tempo para esquematizar práticas pedagógicas de forma diversificada, o fazer educacional se reduza ao mero ativismo destacado por Freire (2017) como nocivo para alunos e professores. Corroboram Pimenta (1999) e Tardif (2019) que o ato de educar é crítico e transformador e que não deve se desnorrear em meio aos entraves burocráticos. As narrativas/desabafos legitimavam angústia e estresse frente ao desafio por um trabalho plural, o que, de acordo com Carlotto (2011) e Benevides-Pereira (2010) apontam para uma das causas que mais adoce o trabalhador no espaço escolar.

Tema: Tempo

Ainda dentro da primeira categoria, o tempo destacou-se na fala dos profissionais ao longo das entrevistas como algo desafiador para a escola na atualidade, admitindo sua escassez e limitando seu uso ao cumprimento de matrizes curriculares. Conforme relatado pelos profissionais das equipes pedagógicas das escolas A e B, quase não há “sobras” de tempo. Para D1 e D2 da escola A e OE5 da escola B, a falta de tempo compromete o planejamento de atividades que prezem pelo cuidado do ser humano em sua integridade, o que tem interferido negativamente na qualidade do trabalho dentro do ambiente escolar e nisso incluem-se assuntos referentes à saúde ou qualquer outra demanda identificada como urgente.

Esse “não sobrar tempo” apareceu nas respostas de ambas as escolas como uma redução desses espaços à produção de resultados acadêmicos com excesso de conteúdos que precisam ser cumpridos sem que sejam revisitadas suas reais utilidades. Para SE6 da escola B, o que menos tem sido levado em consideração é o ser humano: “O ambiente escolar se desumanizou, as pessoas se isolaram, cada um em sua sala cumprindo com seus currículos prescritivos, o coletivo se desarticulou”. Para Dejours (1994), é importante que a escola não seja confundida com uma fábrica, onde mais importa o resultado da produção. Nisso, precisam ser considerados tempos saudáveis, para que convivências e aprendizagens exitosas aconteçam.

Tema: Cenário social

Outro ponto que mereceu reflexão dentro do universo de situações que adoecem o professor e que foi abordado por 14 entre os 20 participantes foi o cenário social, no que tange o embrutecimento das relações interpessoais que reverberam nas escolas, em como as pessoas estão hostis e impacientes nas relações entre os pares.

Para D1 e OE6 da escola A, os problemas sociais acabam desaguando na escola sendo indicadores da incompetência convencional do poder público em se eximir de responsabilidade com os diversos setores da sociedade, delegando à escola resolução de questões mais amplas que não atribuições docentes. Para SE5 da escola A, “Confunde-se, mistura-se e muitas vezes a escola assume um papel assistencialista e não de educação, de conhecimento, de formação de cidadania”.

Para OE3 da escola B, passou a ser conveniente às esferas públicas atender minimamente essa população, pois a escola, de acordo com o entrevistado, dá sempre

um “jeitinho”. Pôde ser visto, com as breves narrativas, que com saúde não é possível “jeitinhos” e que a saúde física e mental do docente é relevante e urgente para que o fazer pedagógico seja exitoso.

Para SE5 da escola A, às esferas políticas, a escola é lugar de “dar jeitinhos”, sobreviver no imprevisto. Para o diretor da escola A, isso “Não pode ser confundido com o amor que o docente dedica à profissão e ao aluno”. Lacunas familiares e sociais trazidas pelos alunos têm levado o professor ao adoecimento psicológico, gerando constante angústia, sensação de fracasso, autocobrança de ter que ter tempo para as demandas inerentes ao conteúdo de sua disciplina, sabendo que não pode deixar de lado as questões socio-histórico-emocionais de seus alunos.

Tema: Problemas indisciplinares

Esse tema foi o que mais divergiu de uma escola para a outra. Enquanto não foram sinalizados na escola A problemas relacionados à indisciplina discente, os entrevistados da escola B pontuaram que esse assunto tem levado os profissionais ao adoecimento psicológico. Um dos motivos de uma escola ser afetada enquanto outra não pode ter relação com sua clientela. Na escola A, o público discente é adulto, ao passo que, na escola B, o corpo de alunos é composto por adolescentes.

Para os entrevistados da escola B, o corpo discente ser adolescente interfere no comportamento e na conduta tanto dos profissionais quanto dos alunos dentro da escola, além de impactar nas relações interpessoais e nos cotidianos das práticas educativas. Por outro lado, os entrevistados da escola A consideram vantagem ter alunos adultos, focados no mercado de trabalho, o que faz com que não se perca tempo na dissolução de conflitos no espaço escolar.

Um ponto que se destacou nas falas das equipes pesa sobre a falta de momentos para diálogo, para construção coletiva e estreitamento de laços. Argumentaram que, para falar de saúde, de disciplina, entender alunos e professores em suas angústias e motivações, a escola necessitaria de momentos e tempos designados para tal finalidade e que, se isso pudesse ser aplicado, também para aproximar docentes e discentes, ajudaria significativamente na redução de casos de indisciplina.

O professor conhece a fundo o problema do ser humano e talvez seja por isso que acaba adoecendo psicologicamente muito mais. O professor muitas vezes acaba se submetendo a agressões, a ameaças, inclusive de morte. Tudo isso somado a anos sem um reajuste salarial digno pode fazer com que o professor desenvolva depressão, angústia, tristeza (SE7, Escola B).

Ações que podem ser desde pequenos desvios de conduta em sala de aula até mesmo agressões verbais e físicas contra os docentes foram relatados por D1, D2 e por SE11 da escola B como situações do cotidiano que permaneciam como impeditivo para uma aprendizagem exitosa.

A indisciplina tem sido um grande problema na escola, foi um dos motivos do meu adoecimento e tenho visto os meus colegas adoecerem por causa disso. As escolas se parecem com prisões. Principalmente a escola pública. Já parou para olhar a altura dos muros e dos portões de ferro? Quem é feliz em um lugar assim? (SE11, Escola B).

A fala trazida por SE11 da escola B, encontra em Foucault (2008) sua legitimação quando ele compara as salas de aula às celas de prisões devidamente divididas, sem atrativos e com muito controle de mentes e corpos. Dessa forma, precisa-se de um olhar atento não só para as causas/consequências do convívio interpessoal na escola quanto para os aspectos de infraestrutura e estética dos espaços. Aproximar os sujeitos protagonistas da educação, conduz a uma integração entre os pares, requer envolvimento emocional, ambiente físico e ambiência tão mencionada por alguns entrevistados como a diferença entre o processo de adoecer e de estar bem mentalmente.

Segunda categoria: Saúde mental dos entrevistados

Tema: Doenças psicológicas

Dentro dos relatos dos diretores e equipes pedagógicas de ambas as escolas, foram mencionados problemas como: estresse, transtorno de ansiedade, depressão, frustração, síndrome do pânico, autocobrança e um sentimento muito forte de solidão. De acordo com Dejours (1994) e Gaulejac (2007), esse isolamento pode ser uma estratégia de desmobilização do coletivo, desarticulando pensamentos plurais de construção de cidadãos críticos e de reivindicação de direitos dos trabalhadores. Eles se sentem muito sozinhos no desempenho de suas funções, sem o amparo das esferas superiores da Faetec, de onde surge um excesso de cobranças sem nenhuma valorização de seu trabalho.

De acordo com OE3 da escola A, o trabalho da equipe pedagógica parece invisível para muitas pessoas: “Ficamos quase que esquecidos no espaço escolar. Nós também estamos doentes. Nossa saúde mental está comprometida, porque temos que cuidar de tantas demandas e de tantas pessoas que ficamos em segundo plano. Quem cuida de nós?” e complementou falando sobre os docentes: “O caminho do professor

acaba se tornando penoso e é nítido em seus gestos e na forma de falar que alguma coisa não está de acordo com a normalidade daquela pessoa em específico”.

Com o tema “Doenças causadas/agravadas pelo estresse”, os entrevistados trouxeram à tona as doenças físicas desenvolvidas, causadas, entre outras questões, pelos longos períodos de estresse ou diagnosticados devido às severas jornadas de trabalho. Quatro entrevistados desenvolveram diabetes emocional após terem assumido funções de liderança. Outro entrevistado falou sobre dores agudas de dente e problemas dermatológicos quando estavam sob forte estresse no trabalho. Duas entrevistadas da escola B tiveram graves problemas de saúde associados ao trabalho, dentre eles, foi mencionado o tratamento de um câncer de laringe devido ao excesso de trabalho com o uso da voz.

Ao longo das entrevistas, os participantes se posicionaram como sujeitos em adoecimento psicológico, assim como os professores e se queixaram da falta de apoio psicológico para conseguirem auxiliar os professores com maior eficiência. Segundo D1 da escola A, “[...] pensar a saúde mental dos professores é pensar, primeiramente, em quem lida diretamente com eles. É lembrar que as equipes pedagógicas e diretivas precisam ser cuidadas emocionalmente para serem suportes eficazes dos docentes, sendo agentes multiplicadores em saúde”.

Tema: Identidade

Os entrevistados da escola B descreveram a falta de cuidado com o bem-estar psicológico quando se referem ao estrangulamento das relações sociais entre os docentes e entre eles e equipe pedagógica. Para Nóvoa (2009) e Tardif (2019), é imprescindível uma conexão entre os aspectos pessoais e profissionais na construção da identidade docente. Tem a ver com o coletivo, é a identidade individual que retro influencia na identidade do grupo e corrobora para a implementação de práticas dialógicas de ajuda e identificação dos problemas que podem levar ao adoecimento, tanto físico quanto psicológico do indivíduo. Para eles, isso também pode estar relacionado à perda da identidade do docente dentro e fora do espaço escolar. Quando os entrevistados afirmaram a sensação de “estarem enxugando gelo”, demonstraram claramente o desgaste emocional das relações interpessoais, o esvaziamento de significados em suas práticas laborais e o sentimento de fracasso nas tentativas de fazer com que dê certo as aproximações nos escassos tempos que não são destinados ao cumprimento de práticas curriculares.

Segundo eixo - O pedagógico: Os profissionais e o trabalho em equipe

Categoria: Saúde mental da equipe de trabalho

Tema: Síndrome de *burnout*

Algumas doenças se destacaram na fala dos entrevistados, demonstrando preocupação com a situação psicológica de suas equipes de trabalho. Começando pelas falas convergirem para declararem que os ambientes de trabalho têm se constituído como potências adoecedoras dos profissionais. As narrativas trouxeram elementos relacionados às altas expectativas pelos resultados e falta de recursos para que o trabalho aconteça da maneira esperada pelos docentes. Os sentimentos de frustração e fracasso frente às realidades do ambiente de trabalho quando vão ao encontro dos elementos supracitados, de acordo com Carlotto (2011) são características constituintes da síndrome de *burnout* e podem estar relacionados com a saúde mental de determinados profissionais da educação da Faetec.

Tal constatação pode ser levantada pelas respostas de 13 participantes em ambas as escolas onde destacamos a fala de OE8 da escola A, pois afirmou que começou a perceber sinais da síndrome de *burnout*, devido à baixa responsividade dos docentes às solicitações enviadas pela equipe pedagógica: “A gente percebe que quando começa a adoecer, o professor não tem mais vontade de responder nada! Trabalhar se torna um fardo”. O profissional SE11 da escola B também relatou: “[...] Eu fiquei muito agitada e comecei a ficar impaciente com pessoas que eram mais lentas que eu. Eu pude perceber isso, mas aí comecei a me segurar. [...] E eu estava assim porque estava acelerada! Eu tive insônia. [...] comecei a ter síndrome do pânico”.

Outros fatores foram apontados pelo SE6 da escola B que é uma profissional readaptada da sala de aula e diagnosticada com a síndrome de *burnout*. Respondeu que adoeceu psicologicamente por problemas pessoais e relacionados ao trabalho. Segundo ela foi um processo longo e muito sofrido. Não conseguia mais “dar aula”, chorava toda a hora. Começou a ter pânico, medo dos alunos. Ela diz que não conseguia mais controlar a aula, nem os alunos e nem a si mesma. E agora como supervisora, sente-se incapaz de auxiliar sua equipe de professores no que se refere ao cuidado com a saúde. Ela argumenta: “Se nós não temos o auxílio devido, como poderemos saber como proceder com nosso colega de trabalho se nós não somos especialistas? Muitas vezes estamos doentes, nosso colega está doente e nem percebemos isso porque não identificamos os sinais”.

Tema: Cooperação

Os resultados para a construção de práticas laborais saudáveis perpassam as relações que cada indivíduo ou grupo de indivíduos consegue desenvolver. Na escola A, a equipe de professores além de estar em menor quantidade também conseguia ser mais coesa e, por conseguinte, havia um trabalho de confiança e empatia que gerava bons frutos.

Ao contrário, a escola B apresentava sérios problemas de comunicação entre a equipe pedagógica e as equipes de professores, com destaque nas entrevistas para a desproporcionalidade entre o número de docentes e de membros da equipe pedagógica que ficavam sobrecarregados e sem alcançar os docentes igualmente. A escola B possuía um quadro docente com 232 profissionais para o total de cinco supervisores. Segundo SE8 da escola B, a relação entre equipe pedagógica e professores nunca foi fácil. Ela pontuou que eles estavam esgotados física e emocionalmente e que isso tem se refletido na forma como conduzem o trabalho.

Tema: Formação docente

Frente a tantos desafios encontrados na escola A e B, alguns entrevistados falaram de uma formação acadêmica muito distante da realidade que eles encontram no dia a dia escolar. Poucas são as disciplinas acadêmicas voltadas aos aspectos pedagógicos, para lidar com a sala de aula e com os percalços do cotidiano. As queixas dos docentes traduziam o que, para Tardif (2019), se configura como o abismo que há entre a academia e o chão da escola. Esse arcabouço teórico distante de uma realidade cotidiana dificulta o ato de “professorar” que Pimenta (1999) aponta como sendo o diferencial para uma formação docente onde a prática é que vai orientar por onde a teoria deva andar.

Tanto profissionais da escola A quanto B destacaram que a formação, seja ela inicial ou continuada, ainda não avançou em questões elementares e cruciais para que o professor tenha as ferramentas mínimas para sobreviver em seus ambientes de trabalho e a equipe docente saiba como socorrer esse professor, como foi relatado por alguns entrevistados.

Nos cursos de licenciatura, tem as disciplinas: psicologia da aprendizagem, psicologia do desenvolvimento, todas as outras psicologias que fazem o desenvolvimento do aluno nos seus diferentes momentos, períodos, mas não tem uma psicologia para cuidar do emocional do professor!. O professor não é preparado, emocionalmente, para ir para a sala de aula e ficar lá por 25 anos, no mínimo, equilibrado (OE5, Escola B).

Quarto eixo - Oficinas laborais

Categoria: Relevância e participação

Tema: Integração e reconexão

As oficinas trariam para os ambientes laborais momentos em que todos pudessem se integrar e interagir e se sentirem parte de um grupo e de um processo em que o ser humano importa e suas inquietações e contribuições são essenciais para o grupo. Os entrevistados de ambas as escolas destacaram a relevância do diálogo e da escuta para momentos de aproximação entre os pares, para que as pessoas pudessem falar e se sentir acolhidas.

Porém, ressaltaram que, para isso acontecer, precisaria ser reservado tempo dentro da programação escolar. Em outras palavras, o calendário letivo deveria ser flexível, com momentos destinados a essa integração, valorizando o bem-estar psicológico dos profissionais como essenciais para uma educação que se considere integral.

Com as oficinas educativas, o objetivo não se limitaria à conscientização dos profissionais sobre sua saúde e em especial sobre o que se refere ao seu estado mental, mas se moveria em direção a ações que pudessem ajudar os docentes, reconectando-os ao ambiente profissional de forma saudável e acolhedora.

Tema: Sugestões de oficinas educativas laborais

A ênfase dos 20 entrevistados recaiu sobre atividades que fizessem com que os docentes se expressassem, que auxiliassem seu autoconhecimento por meio de conversas sobre bem-estar e prevenção de doenças, canto, meditação laica e relaxamento que seriam essenciais nessa (re)construção. Tais sugestões seguem corroboradas em respostas como a de OE3 da escola A:

[...] O professor não tem tempo de trocar experiências. Não tem tempo de chegar na sala de professores e conversar. Só o tempo inteiro falando de prazos, de correção. É importante uma oficina que ele venha falar, venha desabafar. Porque eu acho que desabafar cura também. Você ser ouvido e ouvir também. Você compartilhar as mesmas aflições e as mesmas dores do colega.

Complementam D2 da escola B e OE3 e OE6 da escola A que as oficinas, para serem exitosas, deveriam trabalhar o lúdico, descontraír, tornar o espaço escolar mais leve e cooperativo. Para D1 e SE4 da escola A, uma boa ideia seriam palestras, rodas de conversa e dinâmicas que abordassem o tema da saúde mental, falando sobre depressão e ansiedade.

[...] uma roda de conversa mesmo, para mostrar que nem tudo está perdido! Que a gente precisa acreditar na vida! Eu me emociono! Estou muito mexida, fragilizada. Sinto a necessidade de alguém preparando algo que pudesse trazer uma reflexão sobre o momento, sobre a vida, sobre o campo profissional (D1, Escola A).

Além da sugestão de oficinas, os entrevistados pontuaram a periodicidade dessas atividades. Para OE6 da escola A, poderia ser feita quinzenalmente no intervalo entre as aulas ou em datas específicas já previstas no calendário escolar. Ela complementa que esse movimento deve acontecer dentro da grade curricular, em momentos reservados e pensados para que todos os professores possam participar. Porém, para ter uma melhor eficácia, os entrevistados concordaram que essas oficinas deveriam acontecer três vezes ao ano. Isso contemplaria o início do ano letivo, o fim do primeiro semestre e o final do ano, englobando as demandas de saúde mental que possam ocorrer nesses períodos.

Considerações finais

Respondendo ao objetivo e à pergunta de partida, a investigação apresenta achados relevantes sobre a relação intrínseca e intermitente que existe entre educação e saúde e em como a maneira como os espaços físicos são vividos e utilizados podem transformar os corpos e as mentes dos sujeitos potencializando/promovendo práticas saudáveis ou sendo canais de adoecimento. Os ambientes de trabalho podem contribuir para que os sujeitos preencham fisicamente, mas não ajam criticamente sobre seus espaços físicos de atuação laborais ou podem fomentar estratégias que sejam lançadas frente às mudanças humanas, estruturais e sociais necessárias para que os espaços sejam “atraentes” ao desenvolvimento laboral profícuo.

Trazer as narrativas dos profissionais da educação que trabalham diariamente com os docentes e que, assim como eles vivenciam histórias de adoecimento psicológico dentro do cotidiano de ambas as escolas, destaca a importância do que representa o trabalho em equipe, da sensibilidade ao ouvir, ao conviver e ao propor estratégias de renovação, de humanização dos espaços e dos processos.

Os resultados apontam que não basta a escola saber que seu profissional está doente. Compete saber lidar não só com ele como desenvolver ferramentas que o ajudem a confiar na escola como um espaço de bem-estar. Devemos partir do pressuposto que nosso organismo biopsicossocial interage continuamente. Portanto, a saúde

mental para atingir seu objetivo de bem-estar do indivíduo precisa considerar a subjetividade do local de trabalho personificada em seus profissionais. Escutar as pessoas em suas demandas, compreendendo o que elas necessitam para desenvolverem mais exitosamente um trabalho e se sentirem acolhidas.

Nessa direção, as entrevistas semiestruturadas com os diretores e equipes pedagógicas que mais diretamente trabalham com o corpo docente e que se tornaram os protagonistas do recorte da investigação de doutorado aqui apresentada, nos ajudam na compreensão de como os profissionais da Faetec estão vivenciando os aspectos de saúde e doença indicando caminhos para que sejam elaboradas propostas que tornem a escola um lugar mais saudável e dialógico.

Conforme as respostas coletadas, as oficinas educativas laborais seriam alternativas viáveis de trazermos o tema da saúde mental para o interior das escolas. Rodas de conversa, meditação, dinâmicas, ludicidade, diálogo são algumas das sugestões que demonstram a necessidade de que os espaço escolar esteja inclinado a ser mais leve e acolhedor. Nisso se inserem a compreensão sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o coletivo que se configurariam como alternativas possíveis, urgentes e relevantes nessa (re)construção de espaços, trabalhos e identidades profissionais e sociais.

É uma conscientização que conduz à ação de integrar educação e saúde, reconectando professor e ambiente profissional. Com essas ações, nos movemos frente aos problemas e abraçamos propostas que colocam o cuidado com o ser humano prioritariamente para que o processo de ensino-aprendizagem exitoso aconteça.

Este pode ser o caminho para que a construção integral da saúde seja vivenciada nas práticas de ensino que este desenvolve, tornando o espaço escolar não só um ambiente de aprendizagem de diferentes epistemes, mas de construções plurais nas quais a subjetividade e a saúde mental dos indivíduos são consideradas primordiais para o desenrolar das atividades pertinentes ao contexto da escola.

Referências

- Almeida Filho, N. (2011). *O que é saúde?* Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz.
- Almeida Filho, N., Coelho, M.T. A., & Peres M. F. T. (1999). O conceito de saúde mental. *Revista USP*, (43), 100-125. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i43p100-125>

- Arroyo, M. G. (2013). *Currículo, território em disputa*. Petrópolis: Vozes.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: 70.
- Benevides-Pereira, A. M. T. (2010). *Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador* (4a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Canguilhem, G. (2005). Conceito vulgar e questão filosófica. In G. Canguilhem, *Escritos sobre a medicina* (pp. 35-48). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico* (6a ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Carlotto, M. S. (2011). Síndrome de burnout em professores: prevalência e fatores associados. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 403-410. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000400003>
- Dejours, C. (1994). A carga psíquica do trabalho. In M. I. S. Betiol (Org.), *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Ferguson, M. (1992). *A conspiração aquariana* (7a ed., C. E. M. Costa, Trad.). Rio de Janeiro: Record.
- Foucault, M. (2008). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (35a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Freire, P. (2017). *Pedagogia do oprimido* (63a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gaulejac, V. (2007). *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. Aparecida: Ideias & Letras.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (14a ed.). São Paulo: Hucitec.
- Ministério da Saúde. (2022). OMS divulga informe mundial de saúde mental: transformar a saúde mental para todos. *Biblioteca Virtual em Saúde*. Recuperado em dia mês ano de <https://bvsm.sau.gov.br/oms-divulga-informe-mundial-de-saude-mental-transformar-a-saude-mental-para-todos/>
- Nóvoa, A. (2009). *Professores-imagens do futuro presente*. Lisboa: Instituto de Educação.
- Organização Mundial de Saúde. (2001). *Relatório sobre a saúde no mundo 2001: saúde mental: nova concepção, nova esperança*. Genebra: o autor.

- Pimenta, S. G. (1999). Formação de professores: identidade e saberes da docência. In S. G. Pimenta (Org.), *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez.
- Tardif, M. (2019). *Saberes docentes e formação profissional* (17a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Thiollent, M. (2011). *Metodologia da pesquisa-ação* (18a ed.). São Paulo: Cortez.
- World Health Organization. (2014, junho, 17). Mental health. *Newsroom Fact sheet*. Recuperado em 21 novembro 2023. <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs220/en/>
- Yus, R. (2002). *Educação Integral uma educação holística para o século XXI* (D. V. Moraes, Trad.). Porto Alegre: Artmed.

Submetido em: julho de 2023

Aceito em: dezembro de 2023

Sobre a autora

Rosane Barreto Ramos dos Santos

Doutora em Ensino em Biociências e Saúde pela Fundação Instituto Oswaldo Cruz – IOC/ FIOCRUZ (2023). Mestra em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense no Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão vinculado ao Instituto de Biologia (CMPDI-UFF - 2016). Psicopedagoga e Especialista em Supervisão Educacional pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Pedagoga pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Participante do grupo de pesquisa Núcleo de Estudo, Saúde, Educação e Diversidade – NESED, certificado pelo CNPQ/ UFF. Participante do projeto Plataforma CHA para Educadores – FIOCRUZ. Coordenadora do Projeto Saúde Integral na Escola na ETEMMMT – FAETEC. Colaboradora da UNIFAETEC (Divisão dos Projetos da FAETEC). Supervisora Educacional da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC).

E-mail: rosanebarretorj@yahoo.com.br